

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

CLASSIFICAÇÕES RACIAIS DENTRO DO RAP: CATEGORIAS RACIAIS MOBILIZADAS DENTRO DA DISCOGRAFIA DO GRUPO RACIONAIS MC'S

Samuel Vicente Dias de Freitas

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13251>

Submetido em: 2025-09-08

Postado em: 2025-09-09 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

CLASSIFICAÇÕES RACIAIS DENTRO DO RAP: CATEGORIAS RACIAIS MOBILIZADAS DENTRO DA DISCOGRAFIA DO GRUPO RACIONAIS MC'S

AUTOR/A 1, Samuel Vicente Dias de Freitas.
ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-5568-2559>
<s248838@dac.unicamp.br>

Mestrando do Programa de Pós Graduação em Sociologia (PPGS) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. Campinas, São Paulo (SP), Brasil

RESUMO: O Racionais Mc's são pioneiros no rap nacional e possui relevância política e artística, caracterizando-se como núcleo cultural deste gênero musical na observação das tendências, sentidos e significados das categorias raciais dentro de sua discografia. Dentre as temáticas abordadas pelas letras estão o cotidiano periférico da capital paulista (D'Andrea, 2013; Vieira e Santos, 2023). O objetivo geral desta pesquisa é identificar quais são as classificações raciais mobilizadas dentro da discografia do grupo Racionais Mc's como amostra principal a ser analisada. Especificamente, é preciso a) analisar as letras de Racionais Mc's e entender qual o seu significado; b) verificar se há categorias raciais presentes nas músicas; c) entender qual é o significado que essas classificações raciais expressam nas letras do grupo e por fim d) comparar as classificações raciais encontradas nas produções musicais ao longo do tempo a fim de buscar padrões sociais nas letras. A pesquisa é de natureza quanti-quali a partir de uma análise comparativa entre as categorias através da metodologia de análise de discurso presentes nas letras – aqui tomadas como registros etnográficos urbanos –, com a quantificação e tratamento das categorias raciais encontradas. Nota-se que além do universo empírico da música ser um bom objeto para a análise de classificações raciais, há também uma tendência de mudança dos seus usos ao longo do tempo.

Palavras-chave: classificação racial, categorias raciais, rap, Racionais Mc's.

RACIAL CLASSIFICATIONS WITHIN RAP: RACIAL CATEGORIES MOBILIZED WITHIN THE DISCOGRAPHY OF THE GROUP RACIONAIS MC'S

ABSTRACT: Racionais Mc's are pioneers in Brazilian rap and have political and artistic relevance, representing the cultural core of this musical genre by observing the trends, meanings, and significance of racial categories within their discography. Among the themes addressed by their lyrics is the daily life of the outskirts of São Paulo (D'Andrea, 2013; Vieira and Santos, 2023). The general objective of this research is to identify the racial classifications mobilized within the discography of Racionais Mc's as the main sample for analysis. Specifically, it is necessary to a) analyze Racionais Mc's lyrics and understand their meaning; b) verify whether racial categories are present in the songs; c) understand the meaning these racial classifications express in the group's lyrics; and finally, d) compare the racial classifications found in musical productions over time to identify social patterns in the lyrics. The research is quantitative and qualitative in nature, based on a comparative analysis of the categories used in the lyrics—here considered as urban ethnographic records—using discourse analysis methodology. The study quantifies and addresses the racial categories identified. It is noteworthy that, in addition to the empirical universe of music being a good object for analyzing racial classifications, there is also a tendency for its uses to change over time.

Keywords: racial classification; racial categories; rap, Racionais Mc's.

INTRODUÇÃO

Na quantificação das músicas dos Racionais – que compreendem o período de 1990 a 2014 – foram encontradas diversas categorias raciais em suas letras de rap, de modo que a metodologia da análise de discurso pode contribuir para a compreensão dos diferentes significados atribuídos às elas pelos rappers paulistas diante dos respectivos contextos em que eles se encontram. O gênero do rap possui uma riqueza de temáticas que propiciam um campo empírico vasto para a identificação e análise das classificações raciais, é possível delimitá-lo para a observação de tendências e transformações do mundo social, além dos fatores que implicam na classificação de determinadas categorias predominantes em detrimento de outras. Tem-se como hipótese de que o modo como se dão as classificações raciais está mudando contemporaneamente, ocasionando na utilização de determinadas categorias em preferência a outras e esse movimento pode ser observado no rap.

1. DISCUSSÃO TEÓRICA

Edward Telles (2012), diz que as raças funcionam com base em como as identidades raciais são construídas, e a partir dessas identidades, esses grupos sociais são classificados de acordo com as categorias disponíveis para tal classificação. Telles diz que a ambiguidade do sistema de classificação racial brasileiro surge das próprias categorias, pois elas seguem ao menos três formas de classificação distintas entre si. A primeira que ele elenca é a feita pelo Estado, por meio das pesquisas censitárias. A segunda é a classificação popular que é composta por inúmeras categorias, inclusive a categoria “moreno” – categoria de grande amplitude de significados. E por fim, a classificação do movimento negro, que se concentra em uma bipolaridade entre as categorias “negro e “branco”.

Em Luiz Campos (2013), é possível ver a variação das categorias raciais ao longo do tempo – como mostra a Tabela 1.

Tabela 1: Categorias Raciais ao longo de todos os Censos brasileiros até 2010.

	1872	1890	1920	1940	1950 1960	1970 ^a	1980	1991 2000 2010
Nome da variável no questionário	Raça	Raça	Questão ausente	Cor	Cor	Questão ausente	Cor	Cor ou raça
Categorias de classificação empregadas	Branca Preta Parda Cabocla	Branca Preta Mestiça Cabocla		Branca Preta – Amarela	Branca Preta Parda Amarela		Branca Preta Parda Amarela	Branca Preta Parda Amarela Indígena

Fonte: Luiz Campos (2013).

No censo de 1872 é questionada a “raça” do entrevistado, e as categorias disponíveis são “preto”, “pardo”, “branco” e “cabocla” e no de 1890 se mantém “raça” como pergunta, mas a categoria “pardo” é substituída por “mestiço”. Em 1920 a questão se ausenta do censo, e em 1940 a questão volta, mas agora se referindo a “cor” do entrevistado, e são utilizadas apenas as categorias “preto”, “branco” e “amarelo”. Em 1950 e 1960 se mantém as categorias anteriores, com o adicional de “pardo”. Contudo, em 1970 a questão se ausenta novamente e o autor atribui ao contexto da ditadura militar esse fato. Em 1980 ela retorna, com as mesmas categorias de 1960. Por fim, em 1991, 2000 e 2010 a pergunta se refere à raça/cor e tem as categorias “preto”, “branco”, “pardo”, “amarelo” e “indígena” – e isso tudo pode ser observado na Tabela 1.

Com relação a classificação popular, um exemplo clássico é o recenseamento de 1976 que a pergunta sobre raça é aberta, e foram encontradas 136 categorias raciais, desde as mais tradicionais como as já mencionadas até como “roxo”, “cor de burro quando foge”, “castanho” e etc. Demonstrando assim uma certa “confusão” ou até uma negação da identidade étnico-racial do país (Moura, 2020). Contudo, Telles (2012) ainda diz que mesmo assim a maior frequência de categorias utilizadas, 95% dos 82.577 entrevistados, se concentra em seis das 136. Uma delas é moreno que pode significar desde uma pessoa de tez branca e de cabelo preto/castanho, alguém miscigenado ou uma pessoa negra retinta, sendo essa categoria muito ampla e utilizada muitas vezes como forma de conter conflitos raciais.

Por fim, a classificação do movimento negro é a mais recente das três, e se dá em um contexto muito específico de pesquisas robustas quantitativas sobre condições econômicas e sociais do grupo de “não-brancos” que foram levantadas pelos sociólogos e demógrafos Nelson do Valle Silva e Carlos Hasenbalg. Ao analisar a renda, nível educacional e condições de acesso a trabalho dos grupos de “pretos” e “pardos” foi constatada a grande similitude desses dois grupos, e a discrepância gigantesca em relação ao grupo de “brancos”, com isso os pesquisadores aglutinaram essas duas categorias em “não-brancos”. O movimento negro que já lutava pela identificação e orgulho dos negros decide transformar a categoria “não-brancos” em “negros”, e com isso evidenciando que era uma categoria racializada e por isso tinham os piores indicadores econômicos sociais. Com isso, se cunhou a categoria política de “negro” como a somatória de pretos e pardos (Luiz Campos, 2013).

Isto posto, a hipótese que foi trabalhada é de que: o modo de classificação racial está mudando e isso implica na maior ou menor utilização de determinadas categorias raciais ou até no seu desuso, pois os grupos sociais têm se classificado atualmente levando em conta não só “cor da pele” e “traços

físicos” – como era observado por Oracy Nogueira (2007) sobre o racismo brasileiro se referir a marca, e não a origem, como dos EUA – mas a características como “origem familiar e de antepassados”, “cultura e tradição”, “origem sócio-econômica” e “opção política /ideológica” tem sido fatores relevantes na hora da autotransclassificação, de acordo com Antônio Sérgio Guimarães (2011). E tendo em vista também que “cor da pele” tem uma relevância muito maior dado a perda de enraizamento das teorias de embranquecimento. Este objeto se limita ao estado de São Paulo, logo, não pode falar por todas as regiões do Brasil e nem por todo o rap nacional, contudo, ainda sim é um bom recorte para se produzir generalizações futuras e/ou replicações do estudo em outras localidades e contextos a partir das letras de rap.

2. METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa se dividiu em três partes. Primeiramente foi feita a seleção das músicas do grupo a serem analisadas, e em segundo lugar foram analisadas as músicas e os seus significados dispendidos nas letras e por último foi feito o tratamento das categorias raciais encontradas e a tabulação dos dados para que pudessem ser transformados em gráficos a título de comparação entre as produções musicais.

A discografia do Racionais Mc's é muito vasta, tendo isso em vista, se deu preferência aqui para os EPs, singles e álbuns, e não para as produções “ao vivo”, regravações, compilados/recompilados e as coletâneas, pois elas não traziam nada de novo do ponto de vista das letras – trazem muitas novas nuances do ponto de vista da interpretação artística. Dentre as obras selecionadas estão: *Holocausto Urbano* (1990); *Escolha o Seu Caminho* (1992); *Raio-X Brasil* (1993); *Sobrevivendo no Inferno* (1997); *Nada como um dia após o outro dia* (2002) e *Cores e Valores* (2014). Isto posto, as análises serão feitas em cima dessas obras escolhidas que compreendem o período de 1990 a 2014. É importante também definir quais são as diferenças entre EP, single e álbum e como isso influenciou na análise dos dados obtidos. As categorias encontradas foram tratadas, compiladas e analisadas a fim de serem representadas graficamente.

Um single é uma produção fonográfica que pode conter até três músicas, não ultrapassando a margem de tempo de 30 minutos. Um EP – "Extended Play", ou seja, um “Formato Estendido” – é uma produção intermediária, que é grande demais para ser um single, mas não o suficiente para se tornar um álbum, e ela conta com cerca de quatro a seis faixas, e também totaliza no máximo 30 minutos. E por fim o álbum é uma “Long Play” – um “Formato Longo” – que é uma obra mais bem acabada e com um maior nível de complexidade, que geralmente tem de sete a quinze faixas com uma

duração de 45 minutos à 1 hora, na maioria dos casos (Noronha, 2023). Entender essa divisão e qualificação das produções fonográfica foi importante na hora de escolher como analisar os dados das classificações raciais. A primeira produção – Holocausto Urbano (1990) – do grupo de rap é um EP de seis faixas, e a segunda – Escolha o Seu Caminho (1992) – também é um EP, mas com quatro faixas, e dessas faixas existem três músicas que contêm a mesma letra, o que muda é a versão – tem a versão “Rádio”, “Baile” e “Capela”. Ou seja, é um EP que contêm na prática duas músicas – pensando a partir da não repetição das letras – e que para a análise pode ser considerado como um single.

A análise das letras musicais se deu por meio da escuta e da leitura das letras – como está estruturado no Esquema 1. Contudo, as músicas de rap do grupo Racionais Mc’s funcionavam como verdadeiras etnografias que contavam o cotidiano periférico do contexto da cidade de São Paulo dos anos 80/90. A análise das músicas teve que vir acompanhada de uma forte revisão bibliográfica e histórica sobre o contexto a que os rappers se referiam. Pois como define Said (2001), na análise de discurso é importante se conhecer o contexto, intertexto e relação entre os textos analisados, essas análises não se dá no vácuo, mas sim está atrelada a um meio social atravessado pela história, economia, geografia e política. Primeiro se escutou as músicas, depois houve a leitura de suas letras, em sequência a escuta junto com a leitura e por fim a descrição densa dessas músicas e o que elas queriam dizer.

Esquema 1: Fluxograma de análise das músicas.



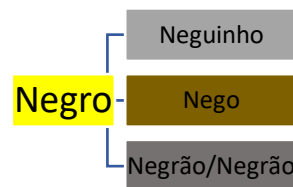
Fonte: Resultado do trabalho de Iniciação Científica.

Quanto ao tratamento das categorias raciais encontradas, foi preciso identificar o que cada categoria queria dizer de acordo com o seu respectivo contexto de construção da música – da história que a música queria passar e dos personagens e agentes que ela mobilizava – e também de um contexto mais geral que tem a ver com o meio social em que os rappers estavam inseridos. Não foi feita uma distinção de gênero e nem de idade nas categorias encontradas, todas as categorias estão no masculino – aquelas que são femininas não – e mesmo se encontradas no diminutivo, para simbolizar uma criança, elas foram agregadas na categoria mais geral – exemplo: “pretinho” foi considerado como “preto”, e não como uma categoria separada. Como esses dados foram extraídos de forma manual houveram duas questões que envolveram isso, por um lado isso custou uma quantidade grande de tempo que demandou uma escuta e leitura muito atenta, mas por outro se evitou uma deturpação dos

dados, por exemplo, foi encontrada algumas categorias atreladas a adjetivação de objetos – como “camisa preta”, “boné branco” etc. – que não condizia com aquilo que entendemos enquanto uma categoria racial, e por isso esse dado foi descartado. Talvez, se a análise se acontecesse por meio de um software diretamente, essas nuances passariam batido e haveria uma sobreposição de dados e não uma filtragem.

Quanto ao entendimento, um exemplo de como poderia haver uma interpretação dúbia foi o da categoria “negro”, onde se a análise dela fosse mobilizada por meio de um buscador de palavras a partir do seu radical – “neg” – poderiam haver aglutinações indevidas. A categoria negro é mobilizada dentro de um contexto de embate racial e na condição de somatória de pretos e pardos, já a categoria “neguinho” não é o seu simples diminutivo, ela já tem um sentido que lhe é próprio, e assim como a categoria negrão/negão – ambas aglutinadas por uma questão de pronuncia que oculta o “r” da palavra – não é o seu aumentativo. Ou até mesmo a categoria “nego” por vezes quer significar uma contração da palavra “negro”, já em outras vezes adquire um sentido próprio e distinto, por isso teve que ser analisada caso a caso. Essa separação das categorias, que a princípio parecem variações da mesma palavra, pode ser observada no Estema 2.

Esquema 2: Desagregação de categorias.

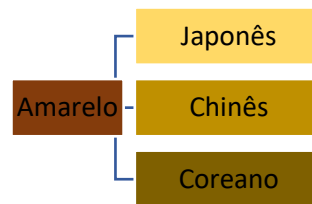


Fonte: Resultado do trabalho de Iniciação Científica.

Do mesmo modo que algumas categorias precisaram ser desagregadas, algumas categorias precisaram ser agregadas das as suas condições de similaridade e as revisões bibliográficas. A categoria “amarelo” foi uma delas. Segundo o Manual de Entrevista do censo de 2022 (IBGE, 2022), amarelo é um grupo que compreende pessoas oriundas do continente asiático ou que tenha alguma ascendência deste continente e que são entendidas como “orientais”, podendo englobar japoneses, sul coreanos, norte coreanos, chineses, mongóis, egípcios, indianos, indonésios, libaneses e etc. Contudo, é uma categoria que pode englobar uma vastidão de países – 49 para ser mais preciso – e vários grupos étnicos e raciais. E de acordo com o manual do Senado Federal (Brasil, 2022), a categoria amarelo se

limita aos países do extremo oriente, compreendendo agora a China, Japão, Coreia do Norte e do Sul e Taiwan, países esses que tem uma relação mais próxima e profunda, mesmo sendo países diferentes e de culturas bem distintas entre si. E essas mesmas categorias remetendo ao extremo oriente foram encontradas nas músicas do Racionais Mc's – com exceção de taiwanês – e foram aglutinadas na categoria “amarelo”, como mostra o Esquema 3.

Esquema 3: Agregação de japonês, chinês e coreano na categoria “amarelo”.



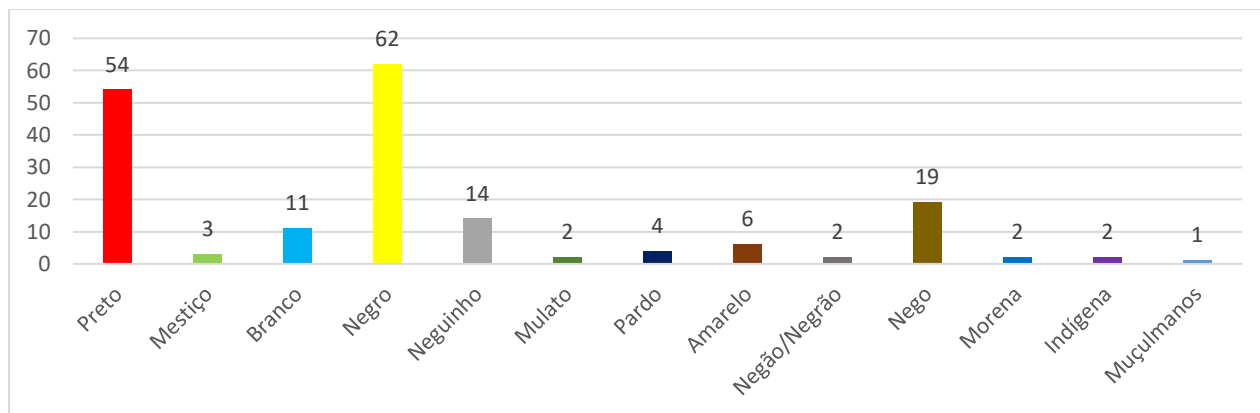
Fonte: Resultado do trabalho de Iniciação Científica.

Essa categoria apareceu apenas no álbum “Nada Como Um Dia Após o outro Dia”, e foi nas respectivas músicas: “coreano” em Na Fé Firmão; duas vezes “japonês” em Eu Sou 157; “flor oriental” – uma abstração em formato de “elogio” a uma mulher oriental – em Estilo Cachorro e “chinês” e “japonês” em Dá Ponte pra Cá. A agregação dessas categorias em amarelo se deu também para que ela ficasse mais significativamente visível nos gráficos, contudo, é importante o adendo de que esta aglutinação não implica em uma simplificação cultural desses povos, mas apenas uma união com base nas classificações censitárias brasileira e também de ordem analítica mais geral.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise das músicas nesse trabalho de IC foram encontradas treze categorias raciais dentro de toda a discografia do grupo de rap – como demonstra o Gráfico 1. Sendo elas: preto, mestiço, branco, negro, neguinho, mulato, pardo, amarelo, negão/negrão, nego, moreno, indígena e muçulmano. É possível ver no gráfico que as categorias raciais vão variando de produção para produção, e pretende-se, com esse trabalho, entender esse movimento de mudança, sociologicamente. Essas classificações encontradas correspondem aos três tipos de classificação elencadas por Telles (2012): censitária, popular e do movimento social.

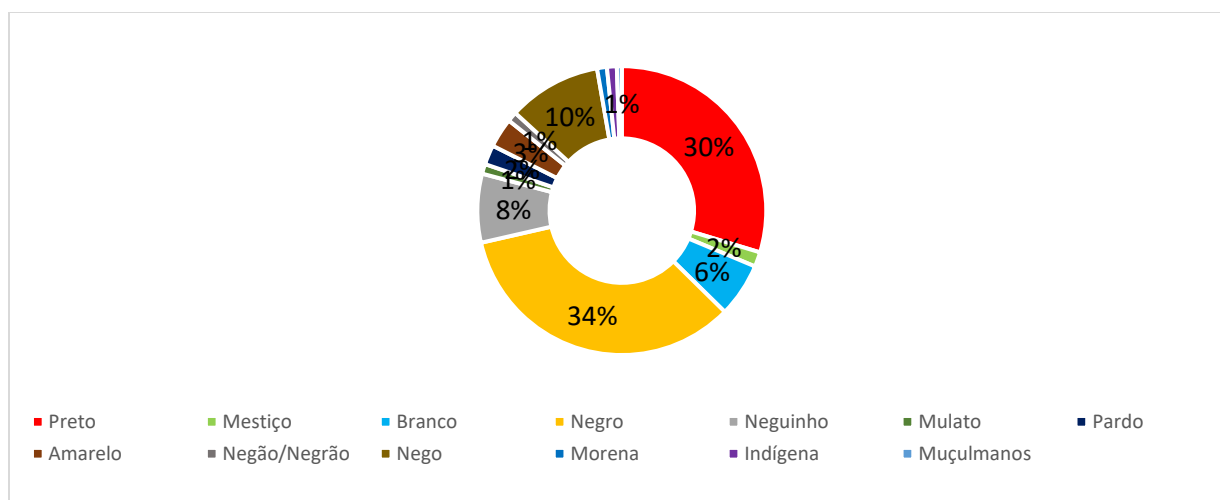
Gráfico 1 - Total de categorias raciais da discografia do grupo



Fonte: Resultado do trabalho de Iniciação Científica.

Percebe-se pelo Gráfico 1 que há uma concentração das categorias mobilizadas em “negro”, “preto” e “nego”. Sendo as duas primeiras responsáveis por 64% das aparições das categorias raciais da discografia – como demonstra o Gráfico 2. A importância dessas categorias nas letras do grupo de rap – preto e negro – pode ser vista a partir dessa quantidade exacerbada de ocorrência delas nas músicas.

Gráfico 2 - Proporção das categorias que aparecem na discografia.



Fonte: Resultado do trabalho de Iniciação Científica.

3.1 Tipos Sociais

E antes de entrar na análise mais detida das categorias ao longo do tempo outro aspecto das músicas chamou a atenção nas leituras das letras durante a análise de discurso. Essa “característica” da construção das músicas do Racionais Mc’s será interpretada a partir do que Hirata (2015) chama de tipo social. Esses tipos são representações típicas construídas dentro de uma mesma produção –

álbum, EP ou single – que ajuda a dar sentido na história a ser contada, mas ela também perpassa mais de uma produção e sendo alguns tipos sociais recorrentes em mais de uma produção. Os tipos podem se referir a estruturas/instituições e/ou personagens que ajudam a construir a narrativa proposta pelos rappers, tomando assim as letras como um continuum corrente que tanto tem um sentido interno, mas também um sentido mais global, e isso se dá pelas temáticas das músicas serem parecidas mesmo com a mudança ao longo do tempo das proposições de cada álbum/produção. Esses tipos sociais encontrados não se referem necessariamente a palavras, termos ou conceitos repetidos nas letras, mas sim ao sentido que essas categorias típicas desempenham dentro das músicas e da discografia, portanto, alguns tipos podem ter nomenclaturas diferentes, mas desempenhar o mesmo sentido e por isso foram aglutinadas. Conforme o Esquema 4, foram encontrados, inicialmente, os seguintes tipos sociais: **racistas otários (polícia)**, **mulheres vulgares**, **descendente negro**, **negro limitado/ovelha branca**, **mano na porta do bar**, **boy/playboy** e **sistema (capitalismo, mídia, representações do Estado)**.

Esquema 4: Tipos Sociais.



Fonte: Resultado do trabalho de Iniciação Científica.

Começamos pelos racistas otários (polícia). A designação aparece em duas músicas, na música “Racistas Otários” do EP Holocausto Urbano e na música “Negro Limitado” do EP “Escolha Seu Caminho”. Na primeira música é demonstrado um descontentamento do eu lírico com a perturbação

dos racistas otários que não deixam os negros em paz, já na segunda é relatado do problema que é ser uma pessoa negra que não se importa com as pautas/discussões do movimento negro, e isso pode resultar na morte dessa pessoa sem informação pelos “racistas otários fardados”. Em outras várias músicas a crítica do grupo de rap se direciona objetivamente a polícia militar, mas o que chama atenção são esses dois adjetivos – racista e otário – que se juntam para designar o caráter do que o grupo musical entende do que é a polícia e a sua atuação nas periferias da cidade de São Paulo.

Quanto as mulheres vulgares, é uma crítica machista que grupo faz as mulheres em vários momentos da sua discografia – e não daria para falar que o grupo estava alheio ao debate de gênero e sexualidade pertinente a época, pois participaram de formações e aulas ministradas pelo Geledés e tiveram um contato intrínseco com o feminismo negro (Arruda; Silva; Santos, 2023). A primeira aparição é na música “Mulheres Vulgares” do EP Holocausto Urbano, e na segunda aparição não é utilizada a mesma terminologia, contudo, a música “Parte II” do álbum Raio X do Brasil tem o mesmo tema de “Mulheres Vulgares”, e pelo seu nome, parece indicar uma continuação daquilo que já foi falado em “Mulheres Vulgares” – isso também se confirma pelo contexto. Ambas as músicas exemplos de como a visão do grupo de rap nos anos 90 eram carregadas de estereótipos e preconceito de gênero.

O “descendente negro” aparece também em três músicas, e percebe-se que ele se dá por meio de uma autoclassificação dos membros do grupo enquanto descendentes negros. Ele aparece em “Voz Ativa” do EP Escolha o Seu Caminho, que é uma música de protesto e levante da juventude negra informada com a sua realidade social, e que decide falar por si própria já que agora tem a “voz ativa” – e o descendente negro é essa pessoa portadora da palavra e da informação. Aparece também em “Parte II” do álbum Raio X do Brasil, como alguém que dá um conselho sábio para os homens que se encantam com essas “mulheres vulgares” que são interesseiras e ambiciosas. E por fim, na música “Juri Racional” do álbum Raio X do Brasil, nessa música há um julgamento de uma pessoa negra que “traiu” a causa do movimento negro e está jogando a favor dos brancos e do racismo, e o descendente negro é quem vai julgar as atitudes dessa “ovelha branca”. Este tipo social se refere alguém que carrega uma tradição e uma sabedoria ancestral acumulada.

Agora o “negro limitado” seria essa pessoa que é carente de informação e que não liga para as causas do movimento negro e que por isso sofrerá as consequências do racismo de forma a corroborar com ele. Há uma música que intitula esse tipo social, que é “Negro Limitado” do EP “Escolha Seu Caminho”. Nessa música este negro limitado não quer saber de pautas raciais e é tido como um ignorante, mas que o eu lírico da música tenta resgatar e abrir-lhe os olhos, já em “Juri Racional” do

álbum Raio X do Brasil a posição do eu lírico é mais agressiva com esta “ovelha branca da raça”, e a põe em um papel de réu na acusação – e por fim culpado: “Por ignorar a luta dos antepassados negros/ Por menosprezar a cultura negra milenar/ Por humilhar e ridicularizar os demais irmãos/ Sendo instrumento voluntário do inimigo racista”.

O mano na porta do bar representa a degeneração de uma pessoa que era bem quista por seus pares e que, por influência de terceiros – os “boys”, por exemplo – acaba se afundando nas drogas, dinheiro “fácil” e no crime. Na música “Mano na Porta do Bar” do álbum Raio X do Brasil é relatado como a vida dessa pessoa mudou drasticamente, a ponto de abandonar a esposa e amigos por causa de novas amizades, que são postas pelo eu lírico como: “más influências”. Na música “Capítulo 4, Versículo 3” do álbum “Sobrevivendo no Inferno” há a narração da transformação de um “preto tipo A em um neguinho”. Aqui é possível ver que uma pessoa que era considerada boa e de bons atributos se transforma em um qualquer, um anônimo, um ninguém e isso é mostrado também como as influências de terceiros fizeram com que essa pessoa que era vista como um exemplo se tornasse um “neguinho”. Nos dois casos os personagens são homens “bons”, com amigos e parceiras amorosas e que tem suas ambições e que acabam se deixando dominar por elas, pois a influência de “pessoas estranhas” e dos “branquinhos do shopping” – que lhes apresentam drogas, dinheiro, sexo etc. de maneira “fácil” – são centrais para a degeneração dessas pessoas que acabam mortas ou dependentes químicos.

Os playboys – ou sua contração “boy” – são pessoas mais abastadas social e economicamente que transitam pela periferia e tem contato com as pessoas pobres e negras. Em alguns casos não está explícito, mas é possível perceber implicitamente que “os boy” se referem a pessoas brancas pelo contexto musical, e este personagem sempre aparecem dentro de um contexto de desigualdade social ou racial – isso é mostrado explicitamente em “Capítulo 4, Versículo 3” quando o eu lírico se refere aos “branquinhos do shopping”. A aparição desse tipo social se dá praticamente em toda a discografia, mas das produções do grupo analisadas, elas estão nas seguintes músicas: “Hey Boy” do EP Holocausto Urbano; “Fim de Semana no Parque”, “Homem na Estrada” e “Juri Racional” do álbum Raio X do Brasil; “Capítulo 4, Versículo 3” e “Tô Ouvindo Alguém Me Chamar” do álbum Sobrevivendo no Inferno.

Por fim, o sistema é um tipo amplo que pode se referir ao capitalismo, mídia e Estado e também são terminologias que aparecem em toda a sua discografia, e como geralmente elas aparecem às vezes na mesma música e por vezes como sinônimos, dado que representam estruturas de poder,

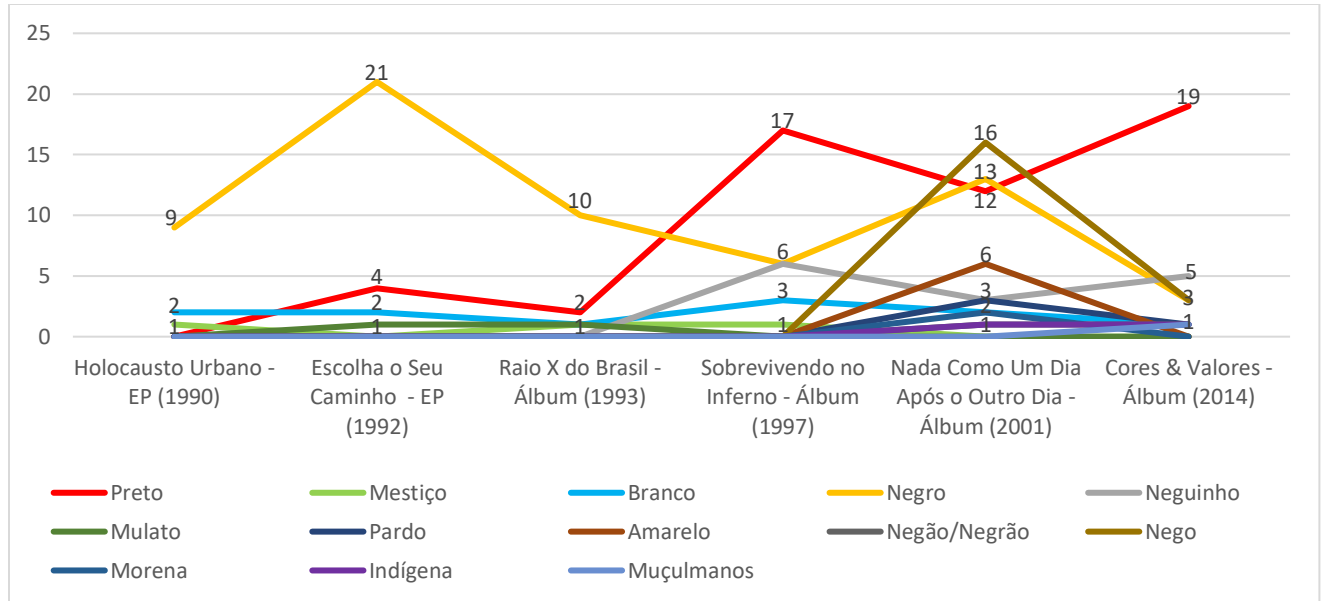
se decidiu analisa-las em conjunto. A mídia representada pelos jornais, novelas, televisão, outdoor etc., tem um papel aqui de representar uma visão parcial da realidade que, geralmente deturpa a imagem dos negros, dos pobres e da periferia em prol de suas ideologias. Já o capitalismo, ou sistema, é visto como a causa dos inúmeros problemas enfrentados pelas pessoas as quais o grupo de rap diz representar, que são os negros, pobres e periféricos. Seria ele quem se deve enfrentar ou ao menos ter a consciência de que ele existe e faz com que haja uma competição incessante por dinheiro em troca do nosso árduo trabalho. E o Estado é visto como corrupto e ausência – ao menos no sentido social e de desempenho de políticas públicas – nas periferias. O sistema – essa generalização – é visto como “falido”, e por isso é causador de várias desigualdades sociais e problemas, como o racismo. Pode haver um problema nesse tipo muito amplo como “sistema” pois não há um direcionamento muito assertivo para a crítica, mas sim uma revolta generalizada pelas mazelas da vida que acaba por ser descontada em toda e qualquer estrutura de dominação. E ela aparece nas seguintes músicas: “Beco Sem Saída”, “Hey Boy” e “Racistas Otários” do EP Holocausto Urbano; “Fim de Semana no Parque” e “Mano na Porta do Bar” do álbum Raio X do Brasil; “Capítulo 4, Versículo 3”, “Tô Ouvindo Alguém Me Chamar”, “Rapaz Comum”, “Diário de um Detento” e “Periferia é Periferia” do álbum Sobrevivendo no Inferno.

3.2 Categorias Raciais

Isto posto, voltamos a análise das categorias raciais encontradas na discografia, mas agora ao longo do tempo. Para isso, foi construído um gráfico de linha para observar as tendências dentro do período de 1990 à 2014. Este gráfico compreende as treze categorias raciais encontradas em toda a discografia. E pode-se perceber ao observar o Gráfico 3 que a categoria “negro” é muito significativa nas primeiras produções, mas ao decorrer da discografia vai caindo e a categoria que acaba predominando é a “preto”. “Nego” é uma categoria que aparece a partir do álbum “Nada como um dia após o outro dia”, e é mais significativa do que a categoria “preto” e “negro”, e é neste mesmo álbum que a categoria “negro” volta a superar a categoria “preto”, mas já no “Cores e Valores” ela decai novamente. Categorias como mestiço e mulato tem uma certa constância nas quatro primeiras produções, mas já nas ultimas caem em desuso e não voltam a aparecer novamente. A categoria “branco” aparece de uma forma relativamente constante ao longo de toda a discografia, mas perde um pouco da importância no último álbum. “Amarelo”, “Pardo” e “Indígena” são categorias que aparecem apenas nas duas últimas produções, “amarelo” aparece apenas na penúltima produção. “Negrao/Negão” aparece apenas no penúltimo álbum. “Neguinho” aparece nas três últimas

produções de forma significativa. A categoria “moreno” aparece apenas no álbum Nada como um dia após o outro dia. “Muçulmano” aparece apenas uma vez no último álbum.

Gráfico 3: Categorias Raciais na Discografia dos Racionais Mc's

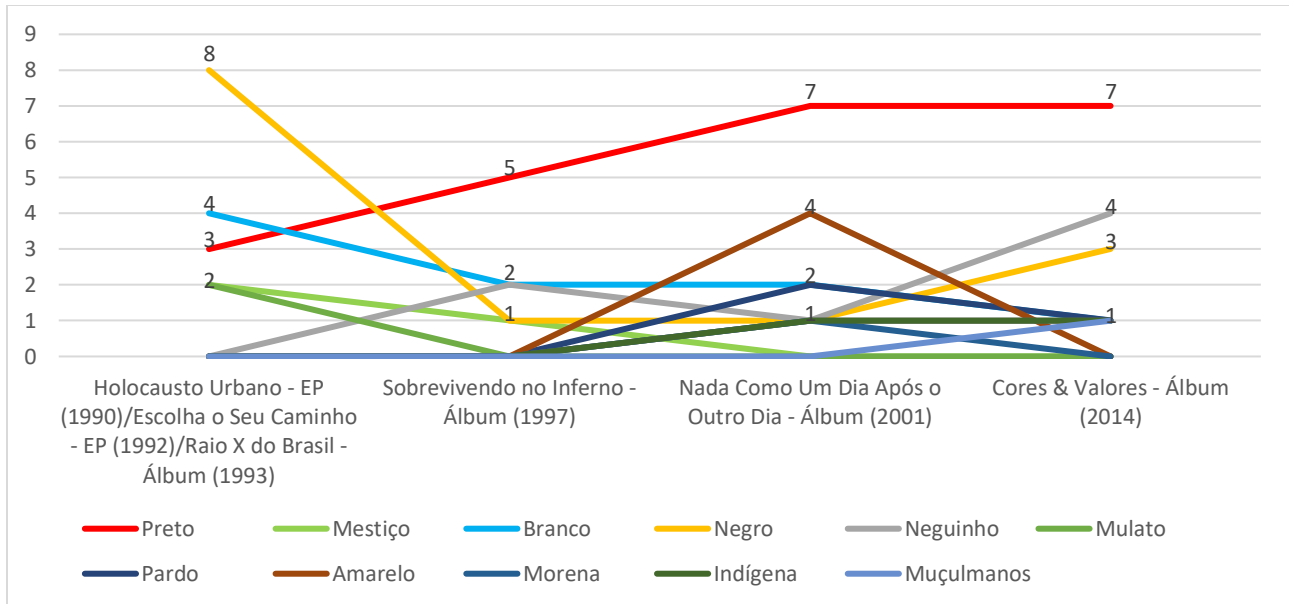


Fonte: Resultado do trabalho de Iniciação Científica.

A escolha do gráfico de linhas foi por que ele melhor representava as categorias e tendências ao longo do tempo, ou seja, desde o primeiro EP lançado em 1990 até o último álbum lançado em 2014. Esse gráfico é importante analiticamente, contudo, ele apresenta alguns problemas de interpretação que podem induzir ao erro e por isso foi feito um tratamento e refinamento das variáveis desse gráfico. Um dos problemas é que ele mensura as frequências absolutas das músicas, o que privilegia músicas que mencionam as categorias raciais de forma exaustiva, como é o caso de algumas categorias que aparecem nos refrões das músicas – parte essa que tem por característica ser repetida várias vezes ao longo da música. Outro problema foi a quantidade desigual de faixas em cada produção, o que poderia enviesar a comparação entre as produções – como já foi explicado sobre a diferença entre a quantidade de faixas de um EP, álbum e um single. Quanto as categorias “Nego”, “Negão/Negrão”, “Neguinho” e “Negro”, a princípio, elas poderiam ser aglutinadas em uma só, pois poder-se-ia considerar como variações da categoria “Negro”, o que não é verdade – como foi demonstrado no Esquema 2. Cada uma delas adquire um sentido que lhe é próprio e contextual relativo à música e ao seu conteúdo, por isso elas foram separadas, mas chamo a atenção – por enquanto – para “Nego” e “Negão/Negrão”. “Nego” foi utilizada muito como um recurso linguístico de vocativo, de chamamento e de sinalização – que por sua vez não tem a ver nesse contexto

necessariamente com raça/cor ou se tem, fica demasiadamente ambíguo para se chegar a uma conclusão precisa –, já “Negão/Negrão” no sentido do aumentativo de negro, mas para indicar alguém de pele escura que pode ser alto ou grande e não da categoria política negro que é a somatória de pretos e pardos. Isto posto, esses pontos foram considerados e um novo e mais refinado gráfico – também de linha – foi gerado, este é o Gráfico 4.

Gráfico 4 - Discografia dos Racionais Mc's somada as três primeiras produções (sem negão/negrão e nego).



Fonte: Resultado do trabalho de Iniciação Científica.

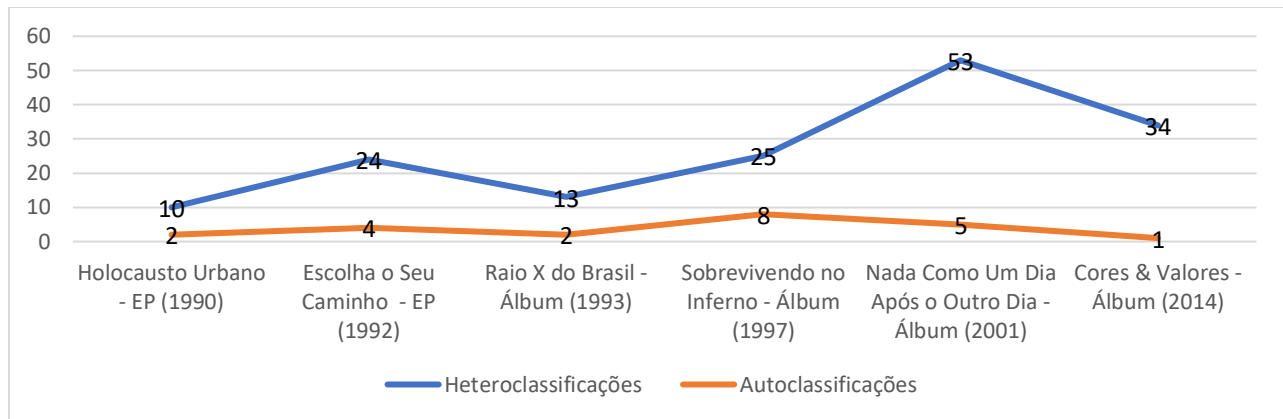
O Gráfico 4, já com a aglutinação das três primeiras produções que será tomada como uma só. Assim, tem-se a seguinte quantidade de faixas a serem comparadas: 15 faixas na somatória das três primeiras produções (Holocausto Urbano - EP (1990)/Escolha o Seu Caminho - EP (1992)/Raio X do Brasil - Álbum (1993)), 12 faixas no Sobrevivendo no Inferno - Álbum (1997), 21 no Nada Como Um Dia Após o Outro Dia - Álbum (2001) e 15 no Cores & Valores - Álbum (2014). Eles têm relativamente a mesma quantidade de faixas em cada uma das produções o que torna a comparação das categorias encontradas mais equilibrada e justa – apenas o no Nada Como Um Dia Após o Outro Dia destoa bastante dos outros três. A quantificação das categorias nesse gráfico se deu pelo seguinte critério: se a categoria aparecia ou não na faixa. Isso ajudou a resolver o problema das extremas repetições nas músicas. Também foram retiradas as categorias “Negro” e “Negão/Negrão” por não serem consideradas tão relevantes – em sentido e não numericamente – para a construção do gráfico e para a comparação das produções.

Logo, algumas observações preliminares puderam ser notadas: 1) A categoria “negro” é extremamente relevante no contexto dos anos 90, e categoria preto tem quase o mesmo peso que “branco”, “mestiço” e “mulato”, contudo ela vai perdendo a sua usualidade ao longo das produções e em contra partida a categoria preto ascende, a ultrapassando, e se mantém estável nas duas últimas produções; 2) a categoria branco tem um grande destaque na primeira produção, mas diminui muito na última produção; 3) a categoria “mulato” e “mestiço” tem um sentido pautado na miscigenação e faz referência a uma certa indolência, imoralidade e sexualização, mas também a uma apaziguamento dos conflitos raciais; 4) categorias como “amarelo”, “indígena” e “pardo” vão ser mais destacadas na produção de 2001 com a inserção delas, algumas pela segunda vez, no censo de 2000; 5) a categoria “pardo” sempre vem atrelada, contextualmente, a categoria negro e a somatória de pretos e pardos que a compõem, por vezes essas duas categorias vem acompanhadas na mesma música e se referindo como uma autoclassificação do rapper Mano Brown; 6) “neguinho” é uma categoria dupla em sentido, por hora podendo significar um qualquer, um inferior e/ou um ser apático que atribui a sentidos negativos, e de outros lado um sentido mais carinhoso, pois está palavra no diminutivo carrega também um lado afetivo; 7) “moreno” é uma categoria que não é utilizada como autoclassificação pelos rappers, mas sim a mulheres e ela aparece apenas uma vez e 8) “muçulmano” é uma categoria que é uma pouco estranha ao contexto brasileiro, mas a utilização dela é explicada dado o contexto de gravação do último álbum que foi nos Estados Unidos e ao ataque terrorista do 11 de setembro de 2001 as torres gêmeas.

3.3 Autoclassificação e Heteroclassificação dos rappers

Outro ponto também analisado das músicas foi se a classificação se tratava de uma hetero ou uma autoclassificação. Essas classificações feitas pelos rappers se encontram visíveis no Gráfico 9 – e aqui não se teve a pretensão de se aglutinar produções, cada uma foi analisada individualmente independente da quantidade de faixas da amostra.

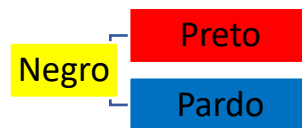
Gráfico 9 - Autoclassificação e Heteroclassificação na discografia dos Racionais Mc's



Fonte: Resultado do trabalho de Iniciação Científica.

Percebe assim que os músicos mais classificam os outros do que se classificam nas músicas, mas mesmo assim os seus próprios alter egos e/ou personagens que se referem a eles próprios aparecem de forma significativa nas músicas. Logo, eles mais classificam os outros do que se classificam. E quanto as categorias que eles mobilizam para se classificar são três: preto, pardo e negro. E isso pode ser visualizado no Esquema 5.

Esquema 5: Categorias que o Racionais Mc's utiliza para se autoclassificar.



Fonte: Resultado do trabalho de Iniciação Científica.

Os rappers Edi Rock e Ice Blue se autoclassificam entre negro e preto, já Mano Brown se classifica como preto, pardo e negro, sendo o único deles que utiliza a categoria pardo. KL Jay é DJ e são raras as vezes que ele canta alguma música – os vocalistas são mais os outros três –, geralmente em produções ao vivo – objeto que foge ao escopo deste trabalho – e são músicas que dificilmente se pode identificar a autoclassificação do rapper, logo, fica difícil saber com exatidão quais são as categorias que ele mobiliza, mas estimo que siga a mesma tendencia dos outros três integrantes do grupo. Assim, pode-se entender que o grupo também absorveu a classificação adotada pelo movimento negro que entende a categoria como a somatória de pretos e pardos, sendo pardo a categoria mobilizada exclusivamente por Mano Brown, mas sempre atrelada a categoria negro.

CONCLUSÃO

Assim, pode-se ver com esses dois gráficos que as categorias utilizadas contemplam os três modos de classificação racial que Telles (2012) descreve. O rap se mostra assim um bom campo de investigação para as classificações raciais. Para Carneiro (2013, p. 33) esses jovens cantavam em suas músicas sobre o “que mais afligem seu cotidiano, como violência, drogas, exclusão social, exercício protegido da sexualidade, paternidade e maternidade responsáveis, discriminação racial”. Esse cotidiano é atravessado significativamente pelo racismo e as suas mais diversas manifestações, por isso essa temática é muito presente. E quanto aos tipos sociais são recursos discursivos da produção tanto local das músicas quanto global e auxiliam no empenho das narrativas, histórias e relatos etnográficos construídos pelos rappers para falar do seu contexto vivenciado.

As categorias que mais estão em destaque são “negro” e “preto”, e isso faz sentido dentro do contexto das músicas se referirem ao cotidiano periférico de quatro músicos autodeclarados negros – sejam eles pretos ou pardos. Essas categorias apresentam diferentes significados ao longo da discografia dos músicos e tendência de uso da categoria política “negro” vai caindo dentre as produções, o que – confrontado com a bibliografia de Guimarães, 2011; Carneiro, 2011; Rose, 2021; Arruda; Silva e Santos, 2023 – pode significar cinco aspectos principais dessa mudança: 1) a influência do rap norte americano no rap brasileiro e a tradução da categoria “black”, que no limite significa “preto”, para negro pode ter dado uma certa margem para essa ambiguidade e o fortalecimento da categoria preto que por vezes já foi considerada pejorativa pelo movimento negro brasileiro (Rose, 2021; Silva, 2012); 2) os acordos antes construídos neste empenho político de junção de pretos e pardos podem estar se afrouxando; 3) o rap pode estar se autonomizando em relação as pautas do movimento negro, e o seu nascimento que começa atrelado ao movimento negro paulista pode ter se distanciado e por isso essa categoria está diminuindo de utilização (Arruda; Silva; Santos, 2023; Gimeno, 2009); 4) como a categoria negro abrange um espectro muito grande de tonalidades de cores, logo, pode haver dentro do grupo uma necessidade de diferenciação que exalte o “preto” – que revela diretamente a cor da pele, característica que é principalmente levantada na hora da classificação do grupo de pretos e negros (Guimarães, 2011) –, ou seja, o mais retinto ou o mais escuro para definir os limites do grupo e por fim 5) a implementação das leis de Ensino de História da África, da vida dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional – Lei 10.639 de 2003 – e da Lei Cotas Étnico-raciais – Lei 12.711 de 2013 – podem ser fatores que contribuíram para o aumento da autodeclaração de pretos e pardos.

Há também outras duas possibilidades que se restringem mais ao escopo artístico/estilístico/linguístico e não foram encontradas na bibliografia de referência, mas que tem algum sentido mínimo e que não deve ser ignorado. A primeira é que a palavra preto possa ter uma maior facilidade de ser rimada com outras palavras da língua portuguesa dada a sua grafia e o segundo é que elas estão sendo utilizadas enquanto sinônimos. Contudo, com base nas análises feitas até então essas são as hipóteses que menos tem algum enraizamento, pois 1) se preto é utilizado como sinônimo de negro, porque pardo também não é (pensando que negro é uma categoria guarda-chuva as duas outras)? E 2) se negro fosse uma categoria imprescindível para ser utilizada nas letras ela seria utilizada mesmo tendo poucas palavras que rimem com ela, ela foi muito utilizada nas produções *Holocausto Urbano - EP* (1990), *Escolha o Seu Caminho - EP* (1992) e *Raio X do Brasil - Álbum* (1993), então, haviam palavras que rimavam com a categoria negro e também uma necessidade e intenção na sua utilização.

Outro ponto é que algumas categorias podem estar caindo em desuso ou se reformulando em torno de outras categorias, como é o caso das categorias mestiço e mulato (Munanga, 2004) que antes faziam parte de um imaginário nacional e da construção da identidade nacional brasileira e também símbolo da democracia racial brasileira e do embranquecimento. Essas categorias, assim como moreno, foram fortemente repelidas pelo movimento negro que afirmava o seu descomprometimento com o debate racial e o enfrentamento do racismo brasileiro que tem por forte característica a negação desta opressão e da sua existência. Analisando a vastidão das categorias encontradas e os seus respectivos sentidos pode-se comprovar a hipótese de que o modo e os fatores que tem influenciado nas classificações raciais pode estar mudando e influenciando na utilização de determinadas categorias disponíveis – sendo atento especificamente ao contexto paulista.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUDA, Clodoaldo; SILVA, Ildslaine; SANTOS, Jaqueline. PROJETO RAPPERS: A Primeira Casa do Hip Hop Brasileiro – História & Legado. São Paulo: Perspectiva, 2023.
- BRASIL. Manual Quesito Cor/Raça e Etnia do Senado Federal. Brasília: Senado Federal, 2022.
- CAMPOS, Luiz. O Pardo como dilema político. *Insight/Inteligência*, ed. 63, 2013.
- CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- D'ANDREA, Tiarajú. A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo. São Paulo: FFLCH, 2013.

- GIMENO, Patrícia. Poética versão: a construção da periferia no rap / Patrícia Gimeno Curi. Campinas, SP: [s. n.], 2009.
- GUIMARÃES, Antônio. Raça, cor, cor da pele e etnia. Cadernos de Campo (São Paulo-1991), v. 20, n. 20, 2011.
- HIRATA, Daniel. Gangsta'rap: possibilidades analíticas e tipo social. Revista Antropolítica, n. 38, Niterói, p.61-67, 1. sem. 2015.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Manual de Entrevista do censo de 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.
- MOURA, Clóvis. Sociologia do negro brasileiro. Editora Perspectiva, 2020.
- MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. Tempo social, v. 19, 2007.
- NORONHA, Marcos. Qual é a diferença entre EP, álbum e single?. GSHOW, [S. l.], p. 1, 14 jun. 2023. Disponível em: <https://gshow.globo.com/tudo-mais/pop/noticia/qual-e-a-diferenca-entre-ep-album-e-single.ghtml>. Acesso em: 6 out. 2023.
- ROSE, Tricia. Barulho de preto: rap e cultura negra nos Estados Unidos contemporâneos. São Paulo: Perspectiva, 2021.
- SAID, Edward. Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SILVA, Adriano. Palavra de Mano. Campinas: Editora Página 13, 2012.
- TELLES, Edward. O significado da raça na sociedade brasileira. 2012.
- VIEIRA, Daniela e SANTOS, Jaqueline Lima (orgs.). Racionais MC's: entre o gatilho e a tempestade. São Paulo: Perspectiva, 2023.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA: Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq). Os dados obtidos são resultados de uma pesquisa anterior de Iniciação Científica com bolsa PIBIC financiada pelo CNPq e a Unicamp, e que estão sendo utilizados e desenvolvidos ainda durante o processo do mestrado.

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS: Samuel Vicente: Conceitualização, Metodologia, Curadoria de dados, Redação - Preparação do rascunho original, Visualização, Investigação e Redação - Revisão e Edição.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: O autor declara que não há conflito de interesses a mencionar (quando isso se aplicar).

MINIBIOGRAFIAS DOS/DAS AUTORAS DO PAPER: Formado em Técnico em Eletrônica pelo IFSP Campinas. Graduado em Ciências Sociais pela Unicamp, faz parte do grupo de estudos e pesquisa "Hip Hop em Trânsito". Atualmente é mestrando do PPGS pelo IFCH Unicamp, sendo orientado pelo professor Michel Nicolau Netto e pela professora Daniela Vieira.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.